



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

TEMPESTADE DE TINTAS: ANITA MALFATTI – AVANT-GARDE DA AVANT-GARDE

Émile Cardoso Andrade¹

Michelle dos Santos²

“Tomei a liberdade de pintar a meu modo”

¹ Possui graduação em Letras Português pela Universidade de Brasília (2002), mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (2006) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2011). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e outras mídias, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, literatura brasileira, literatura e história, literatura e audiovisual. Líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas. Suas últimas publicações em revistas científicas giram em torno do papel da internet nas relações contemporâneas, a partir do filme *Medianeras*, de Gustavo Taretto (*Revista GEMInIS*), e da literatura do escritor português José Saramago (*Revista Via Litterae*).

² Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (2005) e mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília (2008), com trabalhos desenvolvidos sobre o Brasil novecentista e a relação entre imprensa e história. Foi professora substituta na UnB, lecionando na área de História Social e Política Geral (séculos XIX e XX). Atualmente é professora titular de História Contemporânea, Estágio Supervisionado I e Leitura e Produção de Texto na Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão, com ênfase nos seguintes temas: história e cidade; história do trabalho no século XX; Literatura, Cinema e Holocausto; história da estética; uso dos recursos audiovisuais e da ficção no ensino de História. Atuou em catalogação de Acervos Históricos durante 3 anos. Líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas. Suas últimas publicações em revistas científicas giram em torno do papel da internet nas relações contemporâneas, a partir do filme *Medianeras*, de Gustavo Taretto (*Revista GEMInIS*), e da estética educativa do diretor de TV Luiz Fernando Carvalho (*Revista Eletrônica - Expedições: Teoria da História e Historiografia*).



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Anita Malfatti

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender de que forma o nome de Anita Malfatti se relaciona com a Arte Moderna brasileira e, sob quais circunstâncias, a pintora passou a transformar o contexto cultural de São Paulo e congregar outros tantos nomes brasileiros em torno de seu trabalho. Além disso, é necessário entender o que resultou desta junção de intelectuais após a fatídica exposição de 1917, pois, a partir daí, uma espécie de “espírito moderno” toma conta dos artistas brasileiros que decidem romper com o padrão estético vigente na época.

Palavras-chave: Anita Malfatti; Modernismo; Semana de 22.

Abstract: The purpose of this article is to understand how the name of Anita Malfatti relates to the Brazilian Modern Art, and under what circumstances the painter began to transform the cultural context of São Paulo and to gather many others Brazilian names around her work. Besides that, it's necessary to understand what resulted from this junction of intellectuals after the fateful 1917 exhibition, because, from there, a kind of "modern spirit" takes over the Brazilian artists that decide to break with the prevailing esthetic pattern at the time.

Keywords: Anita Malfatti; modernism; Week of 22.

1. Primeiras palavras:

Anita Malfatti é uma das representantes mais eloquentes da pintura brasileira do século XX. Seu impulso para o movimento moderno no Brasil é inquestionável e é essa importância o ponto central das observações do artigo que ora se apresenta.

Para servir como introdução ao estudo da pintora, traz-se aqui uma pequena cronologia para ilustrar aspectos biográficos de Anita. Nasceu no ano de 1889 em São Paulo. Sua mãe, Bety Malfatti, foi a sua primeira tutora no aprendizado das artes pictóricas.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Em 1910, Anita Malfatti já possui uma extensa experiência nas artes plásticas devido ao esforço e aos conhecimentos de sua progenitora, e a partir daí, em 1911, parte para a Alemanha, onde estuda e mantém contatos com vários artistas até 1915. Neste ano, vai morar em Nova York e lá continua sua formação.

Anita volta ao Brasil rapidamente em 1914 para realizar sua primeira exposição individual, ocorrida em São Paulo. Suas tendências radicais e vanguardistas estavam começando a tomar contornos mais surpreendentes.

Como todo grande artista comprometido com sua terra e sua origem, ela volta de fato ao país e em 1917 faz sua célebre mostra chamada: “Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti”. É a partir deste momento que se dá o início do movimento modernista brasileiro e é devido a esta exposição que o nome de Anita Malfatti fica para a posteridade como vanguarda das artes do lado de cá do Atlântico.



Anita Malfatti



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Depois desta data, a mais relevante na vida de Anita é 1922, quando acontece a “Semana de Arte Moderna”. A artista expõe junto com Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro, entre outros, e marca território como pintora dona de intensa capacidade de romper com padrões estéticos anteriores.

Logo após a exposição na Semana de Arte Moderna, Anita volta à Europa em 1923 onde faz cursos de desenho e contatos com Fernand Léger e Matisse. Permanece na Europa até 1928, pois, no ano seguinte, volta ao Brasil para continuar realizando exposições e conferências. Em 1964, Anita Malfatti falece na mesma cidade em que nasceu e revolucionou toda a tradição artística de um país.

2. A exposição de 1917 e as polêmicas:

2.1. As novas tendências de Anita:

Como já foi explicitada na parte introdutória deste texto, a cronologia de Anita mostra que sua aprendizagem artística foi realizada principalmente na Europa, especificamente na Alemanha, e na cidade norte-americana mais propícia ao desenvolvimento artístico, Nova York. Na terra de Goethe, ela teve contato com professores especializados nas mais inovadoras técnicas de pintura da época. Nomes como o de Lowis Corinth e Fritz Burger foram responsáveis pelo seu desenvolvimento artístico. Ao viver em Nova York, Malfatti toma aulas com George Bridgman e Dimitri Romanovsky na *Art Students League* e com Homer Boss, na *Independent School of Art*.

Todo esse aprendizado fora de seu país faz com que Anita Malfatti tome contato com as tendências mais atuais da época, pois é principalmente naquele contexto do Velho Mundo que surgem e se propagam as vanguardas estéticas, principais movimentos de renovação cultural influenciadores do modernismo em todo o planeta. As tendências das vanguardas européias não serão seguidas à risca pela artista de São Paulo, ou seja, Malfatti não é uma representante genuína de qualquer vanguarda, seja cubismo, expressionismo ou impressionismo. Suas telas sofrerão, de todo modo, influências destes movimentos e muitas de suas características estarão presentes em seu estilo. Quando retorna ao Brasil, em 1917, a artista realiza, enfim, sua exposição mais famosa e por muito tempo comentada. Entre as telas mais expressivas desta apresentação, algumas estão ilustradas e comentadas a seguir:



A Boba, 1915/1916

Anita Malfatti rompe com a tradição estética anterior em todos os níveis de sua composição artística. Tecnicamente, a tela ilustrada acima foi construída a partir de um intenso trabalho de vinculação de cores e sombras. Há alguns traços sutilmente relacionados com a pintura cubista (especialmente no detalhe das dobras do tecido que compõe a blusa da modelo) e o jogo de sombras é de originalidade marcante (observe-se a sombra vermelha da cadeira amarela). No nível temático de composição, Malfatti rompe com a tradição clássica ao utilizar uma doente mental como modelo e representar em sua tela toda a força de expressão e de sentimento (observe-se a força dos olhos) de alguém que está sempre à margem da sociedade.

Com *A Boba*, Malfatti escandaliza a tradicional intelectualidade de São Paulo, e, como afirma Nádya Gotlib (2000, p.45): “traz, para a arte modernista brasileira, uma dose dupla do chamado “desvio”, (...) adota a anormalidade não só no procedimento, na técnica modernista, quanto no próprio tema, o da insanidade mental”.



Tropical, 1917

As tendências expressionistas de Malfatti estão expostas nesta tela que leva às últimas conseqüências a temática brasileira e antecede a perspectiva nacionalista do movimento modernista. Ao utilizar como modelo uma mulher mestiça, Malfatti aponta para a miscigenação típica do povo brasileiro (o recurso de pintar mulatas é largamente utilizado por Di Cavalcanti, seu colega de exposição na Semana de 22) e adiciona a isso a retratação da riqueza agrícola do país, pintando as frutas mais representativas da cultura do Brasil. Chiarelli avalia esta tela como “um dos pontos mais altos” da obra de Malfatti. Ainda sobre *Tropical*, o estudioso diz que “nesses desenhos não se percebe de forma alguma a artista presa a qualquer surto naturalista radical” (1999, p.165). Outras características de Anita na produção do quadro são, segundo Chiarelli: “a sensualidade sutil da linha, construindo a forma sem sobressaltos, com absoluta objetividade e requinte (...) obtendo não mais registros de uma ação circunstancial, cheia de drama, mas formas que aspiram à eternidade ideal” (1999, p.166).



O Farol, 1915

A pintura acima representa mais claramente a influência do expressionismo na técnica de Malfatti. Para efeito de comparação, segue-se um quadro de Van Gogh, um dos maiores gênios da vanguarda expressionista:



Vincent Van Gogh, *Noite Estrelada*, 1889



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

A marca expressionista de Van Gogh atinge seu ponto máximo em telas como a selecionada para a comparação com Malfatti. O pintor holandês produz ideia de movimento em sua tela utilizando pinceladas ríspidas e bem marcantes, alternando pinceladas sutis de tons de azul e branco (para o céu) e branco e amarelo (para as estrelas). Nela, o vento parece ser o principal personagem, note-se a força do movimento presente na grande árvore à esquerda da tela. As cores escuras predominam sobre as pequenas pinceladas claras, dando um tom de frieza à paisagem.

Na obra de Malfatti o vento é também o resultado do efeito produzido pelo jogo de cores. As pinceladas tendem a ser arredondadas, para atingir a ideia de movimento (das nuvens e da vegetação). As cores das nuvens se alternam em branco, azul claro, amarelo e rosa, tons que também correspondem às cores das construções e da sombra destas projetada na terra. A escolha do rosa com azul claro sugere um entardecer campestre, e a movimentação das nuvens e das plantas (pela força do vento) coaduna-se com a mudança da perspectiva das sombras projetadas no morro (parte inferior da tela). Nádia Gotlib (2000, p.45) concorda com estas observações quando analisa as pinturas de Malfatti como “pinceladas violentas, exaltadas, por vezes espiraladas, que trazem não mais o ar, mar, terra, mas energia de massa revolta em paisagens turbulentas (...)”.

Em suma, a ideia de uma movimentação causada pela força dos ventos consegue ser representada pictoricamente através de uma série de técnicas expressionistas utilizadas tanto por Van Gogh quanto por Malfatti. O sentimentalismo, o apelo às sensações e a força de expressão da paisagem geralmente são os resultados esperados pelos artistas expressionistas, e Anita Malfatti soube lidar talentosamente com esses atributos.

Diante da competência e intensa capacidade inventiva desta artista plástica, alguns intelectuais brasileiros respeitados e acostumados às tradições acadêmicas não compreenderam a mudança de técnica e as influências vanguardistas de Malfatti. Essa reação aos novos modelos artísticos exemplifica-se no artigo que Monteiro Lobato escreveu a propósito da exposição de Malfatti em 1917.

2.2. O artigo de Monteiro Lobato: “Paranóia ou Mistificação?” e suas implicações:



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Com a extensa repercussão obtida pela “Exposição de pintura moderna Anita Malfatti”, o jornal *O Estado de São Paulo* convida Monteiro Lobato a produzir um artigo sobre o evento. Diante de tais prerrogativas, o escritor não encontra nas telas de Malfatti as tradicionais, clássicas e retilíneas pinceladas e técnicas das artes plásticas que tanto conhecia. Encontrou, sim, tendências novas e completamente diversas de toda a estética anterior: influências de vanguardas como o Cubismo de Picasso e o Expressionismo, rupturas com formas e temas ditos ultrapassados pelos modernistas.

Lobato inicia seu artigo diferenciando artistas que fazem “arte pura”, como Dürer e Rodin, e outros que veem “anormalmente a natureza e a interpretam à luz de teorias efêmeras”. Estas teorias referem-se às vanguardas europeias, que operam “sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes” e “são frutos de fim de estação” (LOBATO, 1917).

O proeminente editor e tradutor paulista nega que as vanguardas sejam precursoras de movimentos futuros, para ele, não são novas, mas sim produtos de uma “paranóia” e uma “mistificação”. Sobre a paranóia, Lobato faz referência aos estudos psiquiátricos de obras de “cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses”, enquanto que para a mistificação, atribui a característica de ser falsa, de não ter sinceridade nenhuma, ou seja, a arte de Malfatti seria sincera se ela fosse louca, como isso não ocorre, logo é tudo mistificação, invencionice, falta de lógica.

Monteiro Lobato, no entanto, não nega a capacidade artística de Anita. Em um parágrafo sobre suas qualificações, declara: “Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes (...) se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se (...) como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades inatas, das mais fecundas na construção duma sólida individualidade artística”. O problema de Malfatti estaria na sedução promovida pela arte moderna que “pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura” (LOBATO, 1917).

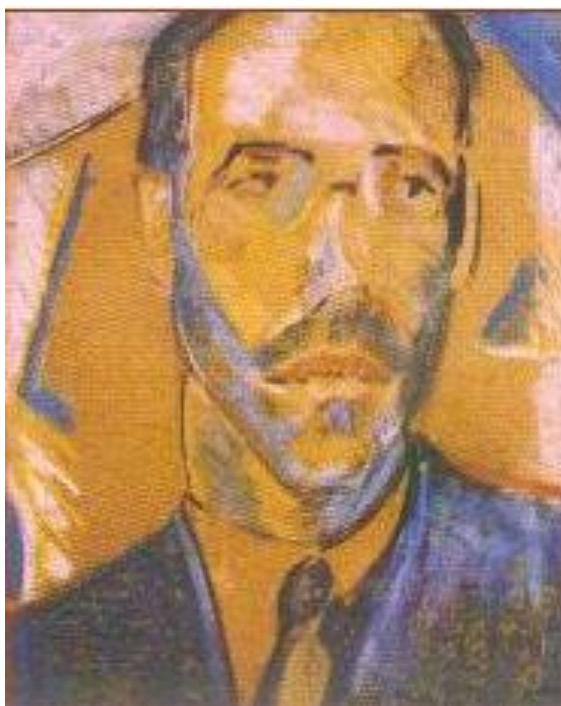
O artigo ainda ridiculariza a arte moderna chamada “arte caricatural”, exprobra a pintura de um dos famosos professores de Anita, o sr. Bolyson, e faz inúmeras referências à recepção das obras de Anita pelo público que comparecia à exposição. Acreditando-se representante da recepção das telas de Malfatti, o autor de *Urupês* finaliza dizendo que a sua crítica é o “reflexo da



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

opinião geral do público não idiota, dos críticos não cretinos, dos amadores normais, dos seus colegas de cabeça não virada” (LOBATO, 1917).

Não é preciso maiores detalhes para se compreender a enorme repercussão das ideias de Monteiro Lobato, além das divergências que estas críticas começaram a gerar logo que foram publicadas. Outros intelectuais da época, que também faziam contato com tendências modernas vindas da Europa, não concordaram com o julgamento de Monteiro e partiram em defesa da pintora. Entre eles, Oswald Andrade e Menotti Del Picchia. Mário de Andrade não estivera fora do país (ele nunca saiu do Brasil), mas já vinha mantendo contato com a estética moderna. Este último foi o maior defensor de Anita e um grande amigo da pintora, além de ser uma das peças-chave para o florescimento de um espírito *avant-garde*, que nascia exatamente em meio àquela controversa gerada por Lobato.



Mário de Andrade por Anita Malfatti, 1921/1922

2.3. A formação do contexto e do espírito modernista para a Semana de 22:



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Os antecedentes da Semana de 22 estão representados fundamentalmente por esta discussão pública entre Monteiro Lobato (representante da estética tradicional) e um novo grupo que começa a se formar incitado pela causa da arte moderna, simbolizada na obra de Anita Malfatti. Mário de Andrade declarou que os quadros de Malfatti foram, para ele, uma revelação. A partir daí, tomou conhecimento das inflexões de Oswald Andrade e Menotti Del Picchia, além de conhecer Vitor Brecheret, o maior representante da escultura modernista no Brasil.

A importância da exposição de Anita é confirmada em estudos de Paulo Mendes de Almeida que a considera uma “exposição insurrecional”. A ideia dos primórdios do modernismo brasileiro vinculada a Malfatti também se confirma em Almeida, quando afirma que “foi sem dúvida a violência da reação, dos ataques que lhe foram então dirigidos, que determinou dialeticamente a necessidade da arregimentação dos elementos dispersos, partidários das ideias renovadoras, o que veio afinal desembocar as Semana de Arte Moderna de 1922” (1976, p.48).

3. Anita Malfatti na Semana de 22:

3.1 O grupo dos cinco:

Enquanto Anita Malfatti enfrentava os dissabores das brigas nos jornais envolvendo seu nome e suas obras, os futuros modernistas procuravam rapidamente se atualizar para provocar um movimento maior ainda, que viria a ser a Semana de 22.

Em 1919, Malfatti inicia alguns estudos de pintura no ateliê de Pedro Alexandrino e lá conhece Tarsila do Amaral, a última artista moderna a fechar em grande estilo as artes plásticas da 1ª geração modernista.

Malfatti é a responsável pela introdução de Tarsila no grupo que viria a ser o mentor da Semana de 22. Foi neste momento que surgiu o denominado “Grupo dos cinco”, turma de artistas e intelectuais que se tornam amigos e passam a organizar e preparar o evento de 1922. Esta confraria era formada por Malfatti, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald Andrade e Menotti Del

Picchia. As reuniões noturnas do quinteto e suas perambulações pelas madrugadas de São Paulo no cadilac verde de Oswald ficaram imortalizadas na figura de Malfatti intitulada *O grupo dos cinco*:



Anita Malfatti, *O Grupo dos Cinco*, 1922
Anita (no sofá), Mário e Tarsila (ao piano), Oswald (no centro) e Menotti.

Foram nestas reuniões e encontros que os preparativos para a Semana de 22 foram programados. Segundo Mário de Andrade, foi Paulo Prado, um dos amigos do grupo, quem teve primeiramente a ideia de realizar uma Semana de Arte Moderna. A expectativa foi logo acatada por todos os envolvidos, entre eles, além do quinteto desenhado por Anita, estavam Vila Lobos, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, entre outros.

Também segundo Mário de Andrade, em seu texto “O movimento modernista” de 1942, o chamado período “heróico” do modernismo foi “iniciado com a exposição expressionista de Anita Malfatti e acabado com a “festa” da Semana de Arte Moderna” (ANDRADE, 1978, p. 231).



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Anita expôs 12 obras na Semana de 22, algumas delas já exibidas em 1917, como *O Homem Amarelo* e *A Mulher de Cabelos Verdes*, ambas serão ilustradas posteriormente.

3.2. As obras de Anita na Semana:

A semana foi divulgada pela imensa maioria dos jornais de São Paulo. Entre eles, o *Correio Paulistano* exibiu em 29 de janeiro de 1922 um chamado à participação no evento com os seguintes dizeres “DIVERSOS INTELLECTUAIS DE SÃO PAULO E DO RIO, DEVIDO À INICIATIVA DO ESCRITOR GRAÇA ARANHA, RESOLVERAM ORGANIZAR UMA SEMANA DE ARTE MODERNA DANDO AO NOSSO PÚBLICO A PERFEITA DEMONSTRAÇÃO DO QUE HÁ EM NOSSO MEIO EM ESCULTURA, PINTURA, ARQUITETURA, MÚSICA E LITERATURA SOB O PONTO DE VISTA RIGOROSAMENTE ATUAL” (AMARAL, 1998, p.135).

Apesar de manter um grande apoio da imprensa, a Semana de 22 não deixou de ter seus combatentes e difamadores. Mas, como afirma Aracy Amaral (1998, p.114): “o objetivo era deliberadamente chocar, (...) era mostrar um movimento de reação contra o academicismo”.

Aracy Amaral também esclarece a dificuldade atual em encontrar as pinturas expostas por Malfatti na Semana: “embora não conheçamos grande parte dos trabalhos que Anita apresentou na Semana, não nos passa despercebida a temática brasileira” (1998, p.172). E reforça o caráter revolucionário da sua pintura quando diz que “o que abalaria o público da Semana nas obras desta pintora seriam, contudo, as mesmas características que estremeceram o ambiente de 1917” (1998, p.173).



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014



Capa do Catálogo da Semana de Arte Moderna

criada por Emiliano Di Cavalcanti

Anita continua, então, escandalizando a sociedade paulistana com os mesmos artifícios que utilizara 5 anos antes da Semana; suas telas continuaram sendo vistas como “coisas dantescas” por muita gente, mesmo depois do célebre evento de 22, e ao expor o seu *Homem Amarelo*, Malfatti já desejava revelar ao mundo que o entendia como um todo onde “nada é incolor ou sem luz”, como diria depois em uma conferência (apud Batista 1972, p. 41).



O homem amarelo, 1915/1916

O *homem amarelo* é um dos mais famosos trabalhos de Anita e revela uma imensa diversidade de técnicas e rupturas formais dominadas pela artista. O modelo já não se coloca frontalmente e em linha reta ao ser pintado, o homem de Malfatti está tranquilo, largado descomprometidamente, sentado num lugar qualquer. Há cortes na parte superior da cabeça, num dos braços e na mão do modelo, indicando que esta posição não é de fato a mais habitual a alguém que vá ser retratado. O fundo não está definido, mas marcado com manchas e sombras nebulosas em tom avermelhado. O que mais chama a atenção na pintura é, sem dúvida, a força vivaz do rosto do homem, que não é de todo amarelo como diz o título, mas possui tons vermelhos que fazem um jogo de sombras criativo e extremamente original. As sombras de objetos próximos ao modelo (que não estão expostos na tela) se projetam em seu corpo (daí os tons escuros na maior parte do quadro) e envolvem quase todo o rosto, deixando-o vermelho. A criatividade de Anita está em fazer o espectador pressupor que este homem é amarelão, apesar de está avermelhado pela sombra.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Um último ponto expressivo na tela diz respeito ao olhar introspectivo do homem, uma marca original da pintura de Malfatti. Segundo Nádía Gotlib (2000, p. 45), Anita trabalha com “personagens abalados interiormente por sensações ou emoções fortes”.



A estudante russa, 1916

Os jogos de cores e sombras fazem deste quadro uma obra prima, que abusa de tons frios para retratar fundo e modelo, às vezes misturando-os para marcar uma falta de limite entre um e outro, pois não se sabe bem quando começa os cabelos da estudante e quando termina o fundo desgastado da parede atrás dela; ou onde termina o fundo da tela e começam os contornos da vestimenta da modelo. O que também impressiona na tela é a expressividade do olhar, a capacidade de atribuir mistério e dissimulação na personalidade da mulher somente através do fino trabalho em desenhar os olhos da moça.



O japonês, 1915/1916

A temática do imigrante em São Paulo ganha espaço na pintura de Anita Malfatti. O japonês é uma das principais etnias orientais responsáveis por povoar a capital paulista desde o final do século XIX. Neste sentido, a temática de Anita continua vinculada às questões culturais do Brasil e não somente aos atributos técnicos adquiridos pela artista na Europa e nos Estados Unidos.

A postura do japonês também renega o convencional frontal e abre a possibilidade de retratos de perfis. Há certa movimentação proposta pelas cores escolhidas para o terno e o fundo da tela, dando a impressão de que o modelo anda. Pelo estilo do vestuário, pelos traços do rosto e pela postura é possível afirmar que não se trata de japonês idealtípico ou puro, mas de um descendente nipônico ou um oriental que passou por um processo de ocidentalização e mestiçagem, o que confirma a hipótese de ser um imigrante japonês em São Paulo.



A ventania, 1915/1917

Tela com tendências claramente expressionistas, pode também ser comparada à Van Gogh, já mencionado neste artigo. O exagero nas grossas camadas de tinta produz a idéia de movimentação, a definição das cores é essencial para limitar as figuras, já por si mesmas distorcidas devido à influência da ventania. Também aqui as pinceladas são espiraladas para dar vida ao vento. O tom escuro contrasta com o branco e o azul do céu, mas a névoa é tão mais marcante, que tudo parece estar em desequilíbrio, em desarranjo, em turbulência.

Essa tendência a utilizar grossas camadas de tinta para movimentar a paisagem também é a técnica principal de outro quadro exposto na Semana, denominado *A Onda*. As cores se mostram bem marítimas (o azul escolhido por Malfatti é bem representativo), e a violência das batidas das ondas bem como a consistência firme da espuma salgada do mar estão perfeitamente construídas com tinta branca, amarela e cinza. A dureza e a permanência das pedras se confirmam na escolha dos tons marrons e avermelhados.

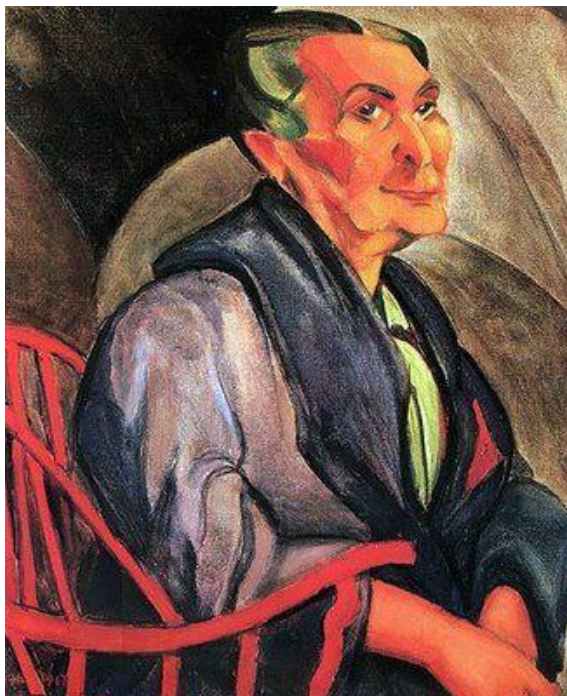


A Onda, 1915/1917

Por fim, passa-se à última ilustração dos trabalhos expostos por Anita Malfatti na Semana de 22. O título desta tela é *A mulher de cabelos verdes* e também causou polêmica quando não foi compreendida nos eventos em que foi exposta.

Há uma veia cubista em alguns traços deste quadro, ao notar-se, por exemplo, o fundo e o rosto da modelo desenhados a partir de figuras geométricas como semicírculos e polígonos irregulares. A expressão do rosto é complexa porque sugere muitas especulações a respeito da personalidade desta senhora: parece ser experiente, mantém uma postura ativa em relação ao meio em que vive, está disposta a enredar uma conversa sobre suas experiências e aconselhar o espectador em suas indecisões e conflitos. Em suma, a mulher carrega em si uma personalidade e uma vivência absolutamente autênticas.

O detalhe da cor do cabelo chama a atenção da mesma forma que *O homem amarelo* causa estranhamento por não ser inteira e categoricamente amarelejado. Há nesta tela também um jogo de sombras que se projeta exatamente no alto da cabeça da senhora, local onde está situada a maior parte de seu cabelo. A sombra pode ser observada também pela cor escura do fundo da tela (no canto superior esquerdo).



A mulher de cabelos verdes, 1915/1916

Finalmente, foram expostas todas as telas mais significativas de Anita Malfatti que participaram do evento modernista de 1922, rompendo de vez com padrões estéticos passadistas e resgatando aspectos culturais de extrema relevância para o entendimento do país e para a criação de uma consciência nacional envolvida artística, social e culturalmente com a sociedade brasileira.

4. Conclusão: O Balanço da Semana

Mário de Andrade, 20 anos depois da Semana, ainda declara fervoroso os principais objetivos do movimento: “O modernismo no Brasil foi uma ruptura, foi um abandono consciente de princípios e de técnicas, foi uma revolta contra a *intelligensia* nacional” (ANDRADE, 1978, p.232). De fato, apesar dos tempos idos e da confessada incoseqüência de suas atitudes na época, a juventude modernista abre as portas da cultura brasileira para uma arte que começaria e ser eminentemente nacional, sem abrir mão de diálogos com o mundo.

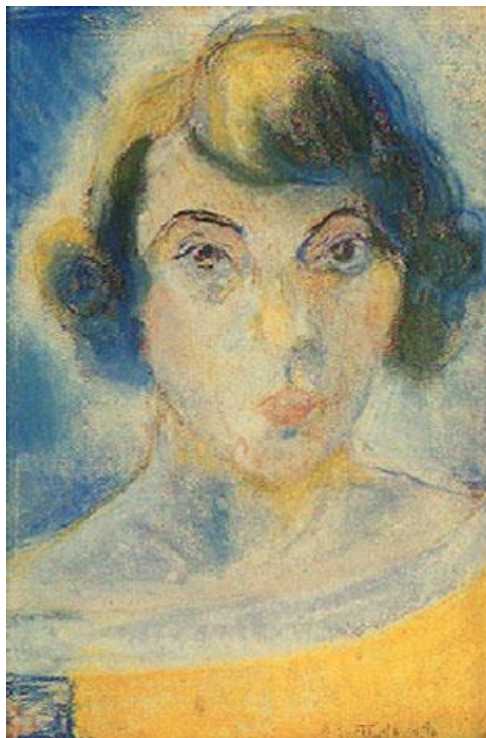


EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

Passados os anos de maior espírito revolucionário, deixadas as propostas idealistas de renovação cultural do povo brasileiro em todos os níveis, fica a reflexão acerca de como foi possível a realização de um evento de tão gigantescas proporções? Qual a raiz deste movimento que influencia a maioria dos trabalhos artísticos atuais? De onde veio o turbilhão de ideias proferidas pelos modernistas na Semana de 22?

Estas interrogações só podem ser respondidas se encararmos o início do século XX dentro e fora do Brasil como um tempo especial em que as mentalidades estavam em processo de mudança com o advento de novas tecnologias, valores e experiências. O Brasil tinha sede de transformar seu olhar e suas perspectivas e foi este contexto que possibilitou o aparecimento de uma figura como Anita Malfatti, artista responsável pelo “estopim” da revolução intelectual brasileira. Foi a partir de Malfatti que homens como Mário e Oswald se encontraram e passaram a expor suas opiniões e descobriram afinidades, objetivos culturais em comum que modificaram toda a tradição artística de um país.

Anita Malfatti engendrou o movimento modernista, germinou a semente da revolução estética no país e propagou a idéia de romper com os passadismos arcaicos da arte realista e parnasiana. Enfim, Anita Malfatti foi a responsável pela abertura do Brasil à Arte Moderna.



Auto-retrato, 1922

Referências

ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. São Paulo: Perspectiva; Diâmetros Empreendimentos, 1976.

AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 1998.

ANDRADE, Mário de. O movimento Modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.

ANDRADE, Mário de. *Cartas a Anita Malfatti*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

BATISTA, Marta Rossetti (Org.); LOPEZ, Telé Ancona (Org.); LIMA, Yvone Soares de (Org.). *Brasil: 1º tempo modernista 1917/25: documentação*. São Paulo: IEB: USP, 1972.

BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti e o início da arte moderna no Brasil: vida e obra*. São Paulo: ECA: USP, 1980. v.1.

BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti no tempo e no espaço*. Fotografia Leonardo Crescenti, Gerson Zanini, Marta Rossetti Batista. São Paulo: IBM Brasil, 1985.



EDIÇÃO Nº 07 NOVEMBRO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/09/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/10/2014

CHIARELLI, Tadeu. *Arte internacional brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.

GOTLIB, Nádía Batella. *Tarsila do Amaral: a modernista*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

LOBATO, Monteiro. Paranoia ou mistificação? *O Estado de São Paulo*, 20 de dezembro de 1917. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>> Acesso em: 2 jul. 2014.